

A utopia nacionalista de Hélio Jaguaribe: os tempos do ISEB*

de Angélica Lovatto

A ilusão do nacional-desenvolvimentismo

por Maria Angélica Borges**

Angélica Lovatto nos conduz a uma interessante reflexão sobre os caminhos que levaram o intelectual carioca Hélio Jaguaribe, demiurgo do projeto isebiano, a protagonizar um ideário para a superação do atraso brasileiro. Com uma visão crítica aguda, colocando o dedo no essencial, a autora desvela uma vertente influente no pensamento caboclo, que até os dias atuais exerce influência marcante junto a vários setores nacionais. Jaguaribe pretende superar, com o seu ideário, as inequações do capitalismo tardio. No momento que inicia sua produção intelectual, a década de 1950, tem um sabor mais especial, pois iniciamos os 30 gloriosos anos, período que gera um terreno propício para as ilusões do nacional-desenvolvimentismo.

O século XX foi rico nos seus diversos momentos históricos: conheceu duas guerras imperialistas, a Grande Depressão dos anos 30, as controversas experiências do socialismo real, o auge e o declínio do *welfare state keynesiano*, a passagem do dólar ouro para o dólar flexível, com o fim de Bretton Woods, com a crise da liquidez do dólar, nos anos 70, acrescidos dos choques do petróleo e a vitória do neoliberalismo. Crises cíclicas e crises estruturais marcaram todo o “breve século XX”, que tão bem analisou Eric Hobsbawm. No cenário local, assistimos ao processo de industrialização brasileiro por *substituição de importações*,

* São Paulo: Xamã & Arte Escrita Editora, 2010, 176 p.

** Professora do Departamento de Economia – FEA – da PUC-SP.
End. eletrônico: jibocchi@uol.com.br

a transformação de uma sociedade rural para sua face urbano-industrial. O país desenvolveu-se através da perpetuação da marca colonial, realizou suas reformas pelo alto, sem contemplar as transformações clássicas do modo de produção capitalista. Pos um pé no futuro sem tirar o outro do passado, e a conta desta incompletude é cara. A maior parte dos brasileiros teve que pagá-la. Brasileiros formados por trabalhadores rurais e urbanos, explorados no cotidiano dos seus locais de trabalho, criando excedente para o capital nacional e internacional.

Começa o século XXI e os problemas estruturais da sociedade brasileira continuam. Somos marcados por um desenvolvimento desigual e combinado, vivemos de maneira aguda as contrições do sistema, pois ameaçamos, mas nunca chegamos a romper os dramáticos índices de miséria que assolam as grandes maiorias. Vivemos a farsa de nos apresentarmos como a potencialidade, sem nos tornarmos efetividade.

O extraordinário crescimento do capital financeiro marca esta última fase da mundialização perversa, que nos aprisiona nos tentáculos da especulação. Os últimos anos, vividos sob o aprofundamento da crise estrutural, passou através dos nossos olhos, levando nossos recursos para fora do país, privatizando os nossos espaços sob a égide da transnacionalização econômica, devorando nossas cadeias produtivas e os espaços dos trabalhadores, que foram paulatinamente aumentando o exército dos desempregados.

Angélica Lovatto, sensibilizada com este quadro, estuda a utopia jaguaribiana e nos desvenda seu lado conservador. Desde o início de sua trajetória intelectual, no capítulo I e as estruturas filosóficas, no capítulo II, que dão corpo ao ideário de um dos mais importantes isebianos. Os mais de 500 anos de nossa história trazem a marca da inequação de nossas classes sociais e de seus projetos políticos; e, não podemos afirmar que, neste século, vamos nos realizar enquanto sujeitos históricos, atores políticos da criação de um mundo que leve aos cidadãos brasileiros uma perspectiva mais digna de vida e ideais. Nesta direção é preciso interpretar os nossos ideólogos, denunciar as propostas reformistas incapazes de construir o futuro, reforma com marca conservadora, perpetuadora do atraso, impossibilidade de ruptura. Os capítulos III e IV nos ajudam a entender as marcas da conciliação isebiana, sua visão autocrática do estado, com marcas prussianas. Angélica Lovatto vai para além dos marcos do período isebiano de Jaguaribe e mostra as conseqüências do seu ideário durante a ditadura militar e seus recuos diante dos anos de chumbo. As ilusões heróicas jaguaribianas conduziram-no, após o inchaço do milagre brasileiro, a moderar suas críticas ao governo militar e sonhar com a continuidade do processo, liderado pela burguesia brasileira, que carregaria a essência do desenvolvimento.

A lógica do capital não esgota a realidade, a arma da crítica, assim como a sua transformação na crítica das armas, como bem disse o filósofo e economista

da práxis, inspira-nos a buscar a caminhos mais generosos para o ser social. Neste sentido o trabalho de Angélica Lovatto, com um poético prefácio do professor Paulo Ribeiro da Cunha, que nos seduz a ler este livro tão especial, acrescenta qualidade à produção teórica na perspectiva marxiana. Jaguaribe apóia-se na esperança que um possível arco sustentado pela *intelligentsia* brasileira realizará o capitalismo brasileiro. A autora desmonta os limites desta proposta, e com sua pesquisa apurada torna-se leitura obrigatória para todos que almejam entender o capitalismo hiper-tardio brasileiro.